



PET Indígena está  compartilhando uma atualização sobre a COVID-19.

29 de agosto de 2020 · 



Me chamo Odair Jeanjacque, indígena da etnia Galibi Kalin'ã/Karipuna. Enfermeiro, desenvolvendo, nos dias de hoje, a função de responsável técnico do Distrito Sanitário Especial Indígena - Amapá e Norte do Pará, no município de Oiapoque. Nesses meses da pandemia pude vivenciar os dois lados, o do paciente e o do profissional de saúde. Como já havia dito no meu relato anterior, fui o primeiro indígena contaminado pelo COVID-19 no Estado do Amapá e após minha recuperação passei a trabalhar diretamente na equipe de intervenção ao COVID-19. Como paciente pude ver que, por se tratar de algo novo, poucos profissionais de saúde estavam preparados para o que estava por vir. Uns por achar que o vírus não chegaria aqui, outros por insegurança diante da situação ou até mesmo por não buscar o mínimo de informação.

Como profissional... fui em quase todas as aldeias da região de Oiapoque e algumas da região do Parque do Tumucumaque. Pude ver de perto a realidade de cada uma. Implantar as medidas de distanciamento social foi quase impossível e, muitas vezes, desnecessárias, pois na maioria dos locais quando a equipe chegava nas aldeias detectava um cenário de transmissão comunitária. Confesso que pensei que o vírus iria ser devastador no nosso povo, pois somos do grupo de risco por apresentarmos baixa imunidade, mas a realidade era outra. O vírus chegou de uma forma branda na maioria dos casos, em algumas aldeias tiveram casos mais graves, porém em pessoas que já apresentavam histórico de outras doenças, principalmente hipertensão e diabetes. Doenças essas com grande incidência na nossa população por nossos hábitos alimentares e hereditariedade.

Eram vários questionamentos por parte dos parentes e muitos que pegaram a doença nem sabiam do que se tratava, diziam ter tido uma gripe forte. Em uma aldeia do alto rio Uaçá, próximo à aldeia Kumarumã, a agente de saúde indígena local relatou à equipe que uma pessoa da aldeia ficou doente e, por serem evangélicos, um grupo se reuniu para orar (pensavam que era coisa de espírito) mas observaram que, com o passar dos dias, essas mesmas pessoas começaram a apresentar sintomas parecidos, quanto mais se reuniam mais pessoas ficavam doentes, e logo todos da aldeia ficaram assim. Queixavam-se "que a comida não pegava gosto, que sentiam calafrios, moleza no corpo e dor na cabeça e na costa". No decorrer do tempo começaram a ter ideia do que se tratava, pois alguns ouviram falar no "tal" vírus e os seus sintomas. E a cada aldeia que chagávamos as histórias eram bem parecidas.

Nas aldeias do Parque do Tumucumaque o cenário era de medo. Por viverem em uma região isolada e de difícil acesso não acreditavam que o vírus pudesse chegar lá. A situação era mais delicada por não terem nem o básico, como sabão para lavar as mãos, já que o único meio de chegar nesse local é por avião e é bem caro o frete, lá também não há comércio para fazer compras. No Tumucumaque suspenderam todas as atividades realizadas em grupo para que, de alguma forma, pudessem conter o avanço da doença, mas de nada adiantou. O vírus já estava circulando em quase todas as aldeias da região. Nas duas regiões ouvimos falar com unanimidade sobre o uso de chás e banhos que estavam sendo utilizados como remédio para combater os sintomas da doença. Todos, de criança a ancião, estavam tomando o chá. E,

aparentemente, estava dando certo, porque a doença não evoluía para a maioria das pessoas. No entanto, ainda tivemos algumas perdas de pacientes que já tinham histórico de comorbidades. Eu, particularmente, perdi meu tio Fernando, que estava como chefe da CASAI Oiapoque por muitos anos. Foi uma perda irreparável para a saúde indígena do Estado, pois o mesmo já trabalhava há décadas prestando serviço à população indígena, sendo conhecido por todos. Foi um sentimento de impotência diante da situação. Mesmo fazendo tudo que estava ao nosso alcance não obtivemos êxito. Quando ele partiu era eu quem estava em Macapá o acompanhando, tive que dar a notícia para o meu primo, o óbito de seu pai. E mesmo com a dor da perda tive que ser "o enfermeiro" naquele momento...

Em meio a toda essa situação de crise a saúde indígena e a população puderam contar com grandes parceiros, governo, prefeituras e entidades não-governamentais que fizeram doações para que pudéssemos fazer acontecer.

Todos os dias temos pacientes novos e pacientes que ficaram com sequelas do vírus, como dor no peito, dificuldade de respirar, cansaço fácil, dor nas costas e nas articulações. Continuamos dando toda a atenção e cuidado necessário. Explicando que esses são sintomas decorrentes do novo coronavírus. Continuamos orientando as equipes da saúde indígena a ter um olhar diferenciado com todos, principalmente as grávidas e os pacientes com comorbidades que em sua maioria são idosos.

Hoje, o cotidiano da área indígena mudou muito. Ainda existe medo, nada voltou ao "normal", as aulas ainda não foram retomadas, evita-se ao máximo aglomeração e é preciso o uso de máscaras para ter contato com outras pessoas de fora. As festas tradicionais e religiosas ainda continuam suspensas.

Muitas vezes os indígenas não querem que pessoas de fora entrem nas aldeias, mas como a maioria da população já teve contato com o vírus os cuidados diminuíram, porém, já é do conhecimento de todos o primeiro caso de REINFECÇÃO por COVID-19, que foi confirmado em Hong Kong, então, não podemos relaxar. Todos estamos ansiosos pela vacina, mas até que ela seja uma realidade temos que continuar com todas as medidas de prevenção.

Oiapoque, Amapá, Brasil

27 de agosto de 2020

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Je m'appelle Odair Jeanjacque, originaire de l'ethnie Galibi Kalin'ã / Karipuna. Infirmier, remplissant, de nos jours, la fonction de responsable technique du district spécial de santé indigène - Amapá et nord du Pará, dans la municipalité d'Oiapoque. Au cours de ces mois de pandémie, j'ai pu découvrir les deux côtés, le patient et le professionnel de la santé. Comme je l'ai dit dans mon précédent rapport, j'étais la première personne indigène contaminée par le COVID-19 dans l'État d'Amapá et après mon rétablissement, j'ai commencé à travailler directement dans l'équipe d'intervention du COVID-19. En tant que patient, je pouvais voir que, parce que c'était quelque chose de nouveau, peu de professionnels de la santé étaient préparés à ce qui allait arriver. Certains pour avoir pensé que le virus n'arriverait pas ici, d'autres pour insécurité face à la situation ou même pour ne pas chercher la moindre information.

En tant que professionnel ... je suis allé dans presque tous les villages de la région d'Oiapoque et certains dans la région du Parque do Tumucumaque. Je pouvais voir de près la réalité de chacun. Implanter des mesures de distance sociale était presque impossible et, souvent, inutile, car dans la plupart des endroits, lorsque l'équipe est arrivée dans les villages, elle a détecté un scénario de transmission communautaire. J'avoue que je pensais que le virus serait dévastateur pour notre peuple, parce que nous sommes à risque parce que nous avons une faible immunité, mais la réalité était différente. Le virus est arrivé de manière modérée dans la plupart des cas, dans certains villages, ils ont eu des cas plus graves, mais chez des personnes qui avaient déjà des antécédents d'autres maladies, principalement l'hypertension et le diabète. Ces maladies ont une incidence élevée dans notre population en raison de nos habitudes alimentaires et de notre hérédité.

Il y a eu plusieurs questions de la part des proches et beaucoup de ceux qui ont contracté la maladie ne savaient même pas de quoi il s'agissait, ont dit qu'ils avaient une grippe sévère. Dans un village au-dessus de la rivière Uaçá, près du village de Kumarumã, l'agent de santé indigène local a rapporté à l'équipe qu'une personne du village était tombée malade et, parce qu'ils étaient évangéliques, un groupe s'est réuni pour prier (ils pensaient que c'était une chose spirituelle) mais ont observé qu'au fil des jours, ces mêmes personnes ont commencé à présenter des symptômes similaires, plus elles se réunissaient, plus les gens tombaient malades, et bientôt tout le monde dans le village est devenu comme ça. Ils se sont plaints "que la nourriture n'avait pas bon goût, qu'ils ressentaient des frissons, un relâchement du corps et des douleurs dans la tête et sur la côte". Au fil du temps, ils ont commencé à avoir une idée de ce dont il s'agissait, certains ayant entendu parler du virus «tel» et de ses symptômes. Et avec chaque village que nous avons atteint, les histoires étaient très similaires.

Dans les villages de Parque do Tumucumaque, la scène était celle de la peur. Parce qu'ils vivent dans une région isolée et difficile d'accès, ils ne pensaient pas que le virus pouvait y parvenir. La situation était plus délicate car ils n'avaient même pas les bases, comme du savon pour se laver les mains, puisque le seul moyen de s'y rendre est l'avion et le fret coûte très cher, il n'y a pas non plus de commerce pour faire ses courses. A Tumucumaque, ils ont suspendu toutes les activités de groupe afin que, d'une certaine manière, ils puissent contenir la progression de la maladie, mais en vain. Le virus circulait déjà dans presque tous les villages de la région. Dans les deux régions, nous avons entendu à l'unanimité parler de l'utilisation de thés et de bains qui étaient utilisés comme médicaments pour combattre les symptômes de la maladie. Tout le monde, de l'enfant à l'aîné, buvait du thé. Et apparemment, cela fonctionnait, car la maladie n'a pas progressé pour la plupart des gens.

Cependant, nous avons encore eu des pertes de patients qui avaient déjà des antécédents de comorbidités. J'ai perdu en particulier mon oncle Fernando, qui était à la tête de CASAI Oiapoque pendant de nombreuses années. Il s'agit d'une perte irréparable pour la santé des indigènes de l'État, car il a travaillé pendant des décennies à fournir des services à la population indigène, étant connu de tous. C'était un sentiment d'impuissance face à la situation. Même en faisant tout ce que nous pouvions, nous n'avons pas réussi. Quand il est parti c'est moi qui l'accompagnais à Macapá, j'ai dû annoncer la nouvelle à mon cousin, la mort de son père. Et même avec la douleur de la perte, je devais être «l'infirmier» à ce moment-là ...

Au milieu de toute cette situation de crise, la santé indigène et la population ont pu compter sur

de grands partenaires, le gouvernement, les mairies et les entités non gouvernementales qui ont fait des dons pour que nous puissions y arriver.

Chaque jour, nous recevons de nouveaux patients et des patients qui ont des séquelles du virus, telles que des douleurs thoraciques, des difficultés respiratoires, une fatigue facile, des douleurs dorsales et articulaires. Nous continuons à apporter toute l'attention et tous les soins nécessaires. Expliquant que ce sont des symptômes résultant du nouveau coronavirus. Nous continuons de guider les équipes de santé indigènes pour qu'elles portent un regard différent sur chacun, en particulier les femmes enceintes et les patients avec des comorbidités qui sont pour la plupart des personnes âgées.

Aujourd'hui, la vie quotidienne de la zone indigène a beaucoup changé. Il y a encore de la peur, rien n'est revenu à la «normale», les cours n'ont pas encore repris, évitant l'agglomération maximale et l'utilisation de masques est nécessaire pour avoir des contacts avec d'autres personnes à l'extérieur. Les fêtes traditionnelles et religieuses sont toujours suspendues. Souvent, les peuples indigènes ne veulent pas que des étrangers pénètrent dans les villages, mais comme la majorité de la population a déjà été en contact avec le virus, les soins ont diminué, cependant, tout le monde est déjà au courant du premier cas de REINFECTION COIN-19, qui a été confirmé à Hong Kong, nous ne pouvons donc pas nous détendre. Nous attendons tous avec impatience le vaccin, mais jusqu'à ce qu'il devienne réalité, nous devons poursuivre toutes les mesures préventives.

Oiapoque, Amapá, Brésil

27 août 2020

Traduit par Darleine Esther Joseph

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

My name is Odair Jeanjacque, a native of the Galibi Kalinã / Karipuna ethnic group. I am a nurse and currently technical responsible of the Special Indigenous Health District - Amapá and North of Pará, in the municipality of Oiapoque. In these months of the pandemic I was able to experience both sides, the patient and the health professional. As I said in my previous report, I was the first indigenous person contaminated by COVID-19 in the State of Amapá and after my recovery I started to work directly in the intervention team at COVID-19. As a patient I could see that, because it is something new, few health professionals were prepared for what was to come. Some for thinking that the virus would not get here, others for insecurity in front of the situation or even for not seeking the least amount of information.

As a professional ... I went to almost every village in the Oiapoque region and some in the Park do Tumucumaque region. I could see the reality of each one up close. Implementing social distance measures was almost impossible and, often, unnecessary, since in most places when the team arrived in the villages; they detected a community transmission scenario. I confess that I thought the virus would be devastating for our people, because we are at risk because we have low immunity, but the reality was different. The virus arrived in a mild way in most cases, in some villages they had more severe cases, but with people who already had a history of other diseases, mainly hypertension and diabetes. These diseases have a high incidence in our

population due to our eating habits and heredity.

There were several questions from relatives and many who caught the disease did not even know what it was, said they had a strong flu. In a village on the upper Uaçá River, near the Kumarumã village, the local indigenous health agent reported to the team that a person from the village got sick, and because they were Christians, a group gathered to pray (they thought it was a matter of spirit) but they observed that as the days went by, these same people began to show similar symptoms, the more they gathered the more people became sick, and soon everyone in the village became like this. They complained "that the food was tasteless, that they felt chills, overwhelming fatigue and pain in the head and in the ribs. Over time, they began to have an idea of what it was, as some heard about the "such" virus and its symptoms. And to every village that we visited, the stories were very similar.

In the villages of Tumucumaque Park the scenario was one of fear. Because they lived in an isolated, hard-to-access area, they did not believe that the virus could get there. The situation was more delicate because they didn't even have the basics, like soap to wash their hands, since the only way to get there is by plane and the freight is very expensive, there is also no shopping there. In Tumucumaque they suspended all group activities so that, in some way, they could contain the advance of the disease, but it was no use. The virus was already circulating in almost all the villages of the region. In both regions we heard unanimously about the use of teas and baths that were being used as a remedy to combat the symptoms of the disease.

Everyone, from child to elder, was taking the tea. And, apparently, it was working, because the disease did not progress for most people

However, we still had some losses of patients who already had a history of comorbidities. I, in particular, lost my uncle Fernando, who was the head of CASAI Oiapoque for many years. It was an irreparable loss to the state's indigenous health, as he had been working for decades serving the indigenous population and was known to all. It was a feeling of impotence in front of the situation. Even doing everything we could we were not successful. When he left it was me who was in Macapá accompanying him, I had to give the news to my cousin, the death of his father. And even with the pain of loss I had to be "the nurse" at that moment...

In the midst of this whole crisis situation the indigenous health and population could count on great partners, government, city halls and non-governmental entities that made donations so that we could make it happen.

Every day we have new patients and patients who have been left with after-effects of the virus, such as chest pain, difficulty breathing, easy tiredness, back and joint pain. We continue to give all necessary attention and care explaining that these are symptoms arising from the new coronavirus. We continue to guide indigenous health teams to have a different look at everyone, especially pregnant women and patients with comorbidities who are mostly elderly.

Today, the daily life of the indigenous area has changed a lot. There is still fear, nothing has returned to "normal", classes have not been back yet, the maximum agglomeration is avoided and it is necessary to wear masks to have contact with other people outside. Traditional and religious parties are still suspended.

Often the indigenous people do not want outsiders to enter the villages, but as the majority of the population has already had contact with the virus, care has decreased, however, the first case of COVID-19 REINFECTION is already known to all, which was confirmed in Hong Kong,

then, we cannot relax. We are all looking forward to the vaccine, but until it is a reality we must continue with all preventive measures.

Oiapoque, Amapá, Brazil

August 27, 2020

Translated by Ruth Lydie JOSEPH

**#OPETNãoPara #PetÍndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII
#LicenciaturaÍndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam**

Mi nombre es Odair Jeanjacque, indígena de la etnia Galibi Kalin'ã/Karipuna. Enfermero de profesión, en la actualidad, soy responsable técnico del Distrito Sanitario Indígena Especial - Amapá y Norte de Pará, en el municipio de Oiapoque. En estos meses de la pandemia pude experimentar ambas partes, la de paciente y de profesional de salud. Como dije en mi informe anterior, fui el primer indígena infectado por COVID-19 en el estado de Amapá y después de mi recuperación empecé a trabajar directamente en el equipo de intervención covid-19. Como paciente pude ver eso, porque era algo nuevo, pocos profesionales de la salud estaban preparados para lo que estaba por venir. Algunos por pensar que el virus no llegaría aquí, otros por inseguridad frente a la situación o incluso por no buscar la menor cantidad de información. Como profesional... Fui a casi todos los pueblos de la región de Oiapoque y algunos de la región del Parque Tumucumaque. Pude ver de cerca la realidad de cada uno. La implementación de medidas de distanciamiento social era casi imposible y a menudo innecesaria, porque en la mayoría de los lugares cuando el equipo llegó a las aldeas detectó un escenario de transmisión comunitaria. Confieso que pensé que el virus sería devastador en nuestra gente, porque somos del grupo de riesgo por presentar baja inmunidad, pero la realidad era diferente. El virus llegó de manera leve en la mayoría de los casos, en algunas aldeas tenían casos más graves, pero en personas que ya tenían antecedentes de otras enfermedades, principalmente hipertensión y diabetes. Enfermedades que tienen una alta incidencia en nuestra población por nuestros hábitos alimenticios y hereditario.

Hubo varias preguntas por parte de los familiares y muchos que contrajeron la enfermedad ni siquiera sabían lo que era, decían que tenían una gripe fuerte. En un pueblo en la parte alta del río Uaçá, cerca de la aldea de kumarumã, el personal de salud indígena local informó al equipo que un aldeano se enfermó y, debido a que eran evangélicos, un grupo se reunió para orar (pensaban que era una cuestión de mente) pero observó que, con el paso de los días, estas mismas personas comenzaron a mostrar síntomas similares, cuantas más personas se reunieran más personas se enfermaron, y pronto todos en el pueblo estaban así. Se quejaron de "que la comida no tenía gusto, que sentían escalofríos, cuerpo debilitado y dolor en la cabeza y en la espalda". Con el tiempo comenzaron a tener una idea de lo que se trataba, ya que algunos escucharon sobre el virus "tal cual" y sus síntomas. Y en cada pueblo que llegamos las historias eran muy similares.

En los pueblos del Parque do Tumucumaque el paisaje era de miedo. Debido a que vivían en una región aislada y difícil de llegar, no creían que el virus pudiera llegar allí. La situación era más delicada porque ni siquiera tenían lo básico, como jabón para lavarse las manos, ya que la única manera de llegar a este lugar es en avión y es muy caro el flete, tampoco hay comercio para comprar. En Tumucumaque suspendieron todas las actividades realizadas en grupos para

que, de alguna manera, pudieran contener el avance de la enfermedad, pero no hizo nada que hacer. El virus ya circulaba en casi todas las aldeas de la región. En ambas regiones escuchamos por unanimidad el uso de té y baños que estaban utilizando como remedio para combatir los síntomas de la enfermedad. Todos, desde niños hasta ancianos, estaban tomando té. Y aparentemente estaba funcionando, porque la enfermedad no evolucionó para la mayoría de la gente.

Sin embargo, todavía teníamos algunas pérdidas de pacientes que ya tenían antecedentes de comorbilidades. Yo, en particular, perdí a mi tío Fernando, que fue jefe de CASAI-Oiapoque durante muchos años. Es una pérdida irreparable para la salud indígena del Estado, porque ha estado trabajando durante décadas brindando servicio a la población indígena, siendo conocido por todos. Era una sensación de impotencia frente a la situación. Incluso haciendo todo lo que está a nuestro alcance, no tuvimos éxito. Cuando se fue, fui yo quien estaba en Macapá acompañándolo, tuve que darle la noticia a mi primo, la muerte de su padre. E incluso con el dolor de la pérdida tuve que ser "el enfermero" en ese momento...

En medio de toda esta situación de crisis, la salud indígena y la población pudieron contar con grandes socios, gobiernos, municipios y entidades no gubernamentales que hicieron donaciones para que pudiéramos hacerlo realidad.

Cada día tenemos nuevos pacientes y pacientes que se han quedado con secuelas del virus, como dolor torácico, dificultad para respirar, cansancio fácil, dolor de espalda y articulaciones. Seguimos prestando toda la atención y cuidado necesarios. Explicar que estos son síntomas derivados del nuevo coronavirus. Seguimos guiando a los equipos de salud indígena para tener un aspecto diferenciado con todos, especialmente las mujeres embarazadas y los pacientes con comorbilidades que son en su mayoría ancianos.

Hoy en día, la vida cotidiana de la zona indígena ha cambiado mucho. Todavía hay miedo, nada ha vuelto a la "normalidad", las clases aún no se han reanudado, evitan al máximo las aglomeraciones y es necesario utilizar máscaras para tener contacto con otras personas de fuera. Las fiestas tradicionales y religiosas siguen suspendidas.

A menudo los indígenas no quieren que la gente de fuera entre en las aldeas, pero como la mayoría de la población ya ha tenido contacto con el virus los atendimientos han disminuido, sin embargo, ya es conocido por todos el primer caso de REINFECIÓN por COVID-19, que fue confirmado en Hong Kong, por lo que no podemos relajarnos. Todos esperamos con ansias la vacuna, pero hasta que sea una realidad tenemos que continuar con todas las medidas de prevención

Oiapoque, Amapá, Brasil

27 de agosto de 2020

Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

[#OPET](#)[#NãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)



  87

19 comentários 99 compartilhamentos